

MICHELLE MARLY

MADEMOISELLE

CHANEL

E O PERFUME DO AMOR

Tradução
Ana Maria Pinto da Silva

 Planeta

*Em memória da minha mãe maravilhosa, que
me abriu os horizontes para o mundo da moda.*

Uma mulher sem perfume é uma mulher sem futuro.

COCO CHANEL

PRÓLOGO

1897

UM, DOIS, TRÊS, QUATRO, CINCO... Um, dois, três, quatro, cinco...

Da sua boca não saía som algum, limitava-se a mexer os lábios. Contava em silêncio as pedras do mosaico que via aos seus pés.

Cantos arredondados desiguais, pisados ao longo de um milénio, incrustados no solo criando formas geométricas ou imagens místicas.

Aqui, cinco estrelas; ali, cinco flores; acolá, um pentágono. Essa disposição não era aleatória. Sabia que o cinco era um número simbólico para os membros da Ordem de Cister: era considerado a encarnação pura e perfeita das coisas. As rosas, por exemplo, possuíam cinco pétalas; as peras e as maçãs eram frutas da estrutura pentagonal. As pessoas eram dotadas de cinco sentidos e em todas as missas se falava das cinco chagas de Jesus Cristo. No entanto, as freiras não lhe tinham ensinado que o cinco também era o número do amor e de Vénus, a soma indivisível do três, um número masculino, e do dois, feminino. Encontrou esse dado, muito interessante para uma rapariga de catorze anos, num livro que lia às escondidas no sótão.

A biblioteca do convento ocultava tesouros incríveis: os sermões medievais de São Bernardo de Claraval, onde recordava aos seus monges o significado que se atribuía nas orações e nos lavatórios rituais às substâncias aromáticas, não eram escandalosos, mas também não eram apropriados para os olhos de uma menina. O fundador da Ordem de Cister aconselhava inclusive os seus irmãos, ao entoar o Cântico dos

Cânticos com expressão espiritual e introspectiva, a imaginar os seios perfumados da Virgem Maria. O incenso e o jasmim, a alfazema e as rosas no altar incentivavam a entrega à contemplação com o auxílio do olfato.

Para as órfãs como a solitária rapariga, os aromas que se extraíam das plantas do jardim do convento constituíam um sonho distante, assim como a fantasia de afundar-se entre os grandes seios de uma mãe carinhosa. Esfregavam as pupilas numa tina com sabão barato para lhes tirar a sujidade do trabalho no campo ou na cozinha e para que cheirassem a limpo em vez de a exaustão e a medo, mas não podia afirmar-se que cheirassem bem. Os grandes lençóis brancos que ela era obrigada a lavar e, às vezes, também a remendar e em seguida a empilhar bem dobrados na lavandaria recebiam melhor tratamento do que a pele das órfãs.

Um, dois, três, quatro, cinco...

Passava o tempo a contar enquanto esperava na fila com as outras meninas que o padre as ouvisse em confissão. Depois de aguardarem em pé mergulhadas numa monotonia que durava uma eternidade, quais soldados no pátio de um quartel, entravam uma após a outra no confessionário. Presumia que as freiras exigiam essa postura silenciosa e rígida, que nenhuma criatura era capaz de aguentar por muito tempo, para que depois tivessem alguma coisa para confessar. De uma maneira geral, nenhuma delas havia pecado desde a confissão da tarde anterior. Não havia muitas oportunidades para pecar no cimo do penedo fustigado pelo vento sobre o qual se construía no século XII o convento de Aubazine.

Há quase dois anos que vivia naquele mundo isolado, situado no centro de França, longe o suficiente da estrada que conduzia a Paris para sequer cogitar a hipótese de fugir. Tinham-se passado mais de setecentos dias desde que a sua mãe morrera e que o pai a metera numa carroça puxada por cavalos e a entregara às monjas cistercienses. Tão simples quanto isso. Como se fosse um fardo. Depois, o pai desapareceu para sempre e então abriu-se o inferno para a alma frágil da pequena. Desde o primeiro momento ansiou por que chegasse o dia em que

tivesse idade suficiente para abandonar o convento e iniciar uma vida independente. Talvez a agulha fosse a chave para consegui-lo. Se aprendesse a costurar e fosse tenaz, talvez pudesse chegar a Paris e conseguisse abrir uma grande casa de modas. Já ouvira falar delas, mas na realidade não sabia ao certo o que eram.

Não obstante, soava a algo promissor. O termo «casa de modas» trazia-lhe recordações. Tecidos bonitos, o frufu da seda, folhos e pregas elegantes e esvoaçantes e rendas delicadíssimas. Não, a sua mãe não fora uma grande dama; trabalhava como lavadeira e o seu pai era vendedor ambulante. Nunca vendera produtos tão delicados, mas ela associava sempre os pensamentos que lhe ocorriam sobre coisas bonitas à mãe. Sentia tanto a sua falta que as saudades que tinha da segurança quando estava com ela às vezes causavam-lhe tonturas.

Agora era forçada a desembaraçar-se sozinha, vivia com dureza, normas, castigos e, de vez em quando, a absolvição divina. Ela só queria um pouco de carinho. Era isso um pecado que precisasse de confessar? Será que esse segredo algum dia lhe pesaria demasiado para dar paz à sua alma? Talvez, pensou em silêncio. Mas, por outro lado, talvez não. Não confessaria ao padre que queria amor na sua vida. Não nesse dia. E sem dúvida de que em nenhum outro dia.

Pelo caminho até à catedral de Aubazine, ia contando em silêncio as pedras dos mosaicos do chão: um, dois, três, quatro, cinco...

PRIMEIRA PARTE
1919-1920

OS FARÓIS AMARELOS cortavam o nevoeiro que se elevava do Sena e envolvia as faias, os freixos e os amieiros situados nas margens da estrada como um pano de linho branco. «Como uma mortalha», pensou Étienne Balsan.

Na sua mente formou-se a imagem do defunto no velório: pernas e braços dilacerados, pele queimada e tapado com um pano de linho. Aos pés do morto, um ramo de buxo e, sobre o peito, um crucifixo. Junto da cabeça havia uma taça com água benta que atenuava o odor da morte. A luz das velas projetava sombras fantasmagóricas sobre o cadáver. As freiras tinham-no preparado dessa maneira para que a imagem geral não fosse demasiado perturbadora.

Automaticamente, Étienne tentou imaginar como se teria desfigurado o belo rosto do amigo. Conhecia-o quase tão bem como o seu.

Ele mesmo respondeu a essa pergunta pensando que o mais provável era que não restasse quase nada das suas feições simétricas, dos seus lábios carnudos bem delineados e do seu nariz grego. Quando um carro se precipita a toda a velocidade por uma ribanceira, choca contra uma parede de rocha e começa a arder, poucos ossos permanecem no seu devido lugar. Sem dúvida de que seria necessária uma certa destreza para reconstituir o aspeto da vítima do acidente fatal.

Sentiu uma gota de água deslizar-lhe pela face. Chovia dentro do carro? Quis acionar os limpa-para-brisas e ficou de tal maneira nervoso

à procura da manete de comando que o carro deu uma guinada para o lado. Em pânico, Étienne travou a fundo e a lama salpicou a janela do carro. Por fim, as escovas começaram a mexer-se com grande chiadeira sobre o para-brisas. Não chovia, eram as lágrimas que lhe inundavam os olhos; uma vaga de cansaço e tristeza invadiu-o e ameaçou derrubá-lo. Se não quisesse acabar como o amigo, teria de se concentrar na estrada.

O carro estava atravessado no meio da faixa de rodagem. Étienne obrigou-se a respirar com calma, desligou os limpa-para-brisas e agarrou-se ao volante com as duas mãos. Carregou no acelerador, o motor rugiu e os pneus derraparam. Depois de um solavanco, o veículo voltou à sua faixa. Étienne sentiu a pulsação normalizar. Por sorte, àquela hora da madrugada não circulavam automóveis na direção contrária.

Obrigou-se a fixar os olhos no asfalto. Oxalá não houvesse nenhum animal noturno a atravessar-se no seu caminho. Não queria atropelar uma raposa; se fosse para abatê-la, melhor seria a cavalo durante uma caçada. O seu amigo era da mesma opinião, o amor pelos cavalos tinha-os unido. Arthur Capel, o eterno jovem que nunca conseguira livrar-se da alcunha de infância, Boy, era um jogador de polo fantástico. Boy era um *bon vivant*, intelectual e encantador, um cavalheiro da cabeça aos pés, um diplomata britânico que promoveram a capitão durante a guerra e um homem a quem todos chamavam de bom grado «camarada». Étienne podia considerar-se afortunado por ser um dos seus melhores e mais velhos amigos. Por ter sido...

Outra lágrima deslizou-lhe pela face curtida pelo sol, mas Étienne não desviou a mão do volante para enxugá-la. Não devia permitir que os seus próprios pensamentos o distraíssem se quisesse chegar são e salvo a Saint-Cucufa. A viagem era o derradeiro favor que podia fazer ao defunto. Tinha de dar a terrível notícia a Coco antes que ela ficasse a saber no dia seguinte pelos jornais ou pelo telefonema de algum linguarudo. Não era na realidade uma missão agradável, mas levava-a a cabo de todo o coração.

Coco era... Coco tinha sido o grande amor de Boy. Não havia qualquer dúvida. Para ninguém, e menos ainda para Étienne. Ele mesmo apresentara-os naquele verão, na sua propriedade. Boy tinha ido a

Royallieu buscar cavalos e fora-se embora com Coco, embora esta fosse namorada de Étienne. Bom, naquela época não era exatamente isso. Era uma rapariga que atuava no cabaré da base militar de Moulins cantando duas canções picantes e que de dia cerzia as calças dos oficiais com quem passava a noite. Carinhosa, amenizada, bonita, alegre, frágil e também de uma coragem e energia extraordinárias. O total oposto da *grande dame* que muitas mulheres da Belle Époque desejavam ser.

Étienne divertia-se com ela e acolheu-a em sua casa no dia em que lhe apareceu à porta de maneira inesperada, mas não mudou nada na sua vida por causa dela. A princípio nem sequer queria tê-la junto de si, mas Coco era obstinada e, pura e simplesmente, ficou. Um ano, dois... Não se lembrava de quanto tempo viveram juntos sem que a considerasse sua companheira. Na realidade, foi Boy quem lhe abriu os olhos para a beleza e a força interiores daquela jovem. Todavia, já era tarde de mais. A sua amante, que nunca chegara a ser a única, partiu tal como costumavam fazer as pessoas dos seus círculos sociais na época da Grande Guerra. Não obstante, continuaram amigos. E continuaria a ser amigo de Boy mesmo depois de este ter exalado o último suspiro. Seria capaz de jurá-lo.

TINHA DE PARAR de uma vez por todas de guardar ressentimentos.

Gabrielle estava há horas às voltas na cama. De vez em quando mergulhava num sono que parecia profundo, mas acordava de repente, sobressaltada, confusa e encurralada ainda no que havia sonhado e não era capaz de recordar. Então apalpava o outro lado da cama a fim de sentir a presença do corpo familiar que lhe trazia tanta segurança, mas a almofada estava vazia; os lençóis, intocados... E ela, totalmente acordada.

Claro. Boy não estava ali. No dia anterior – ou teria sido já há dois dias? –, partira para Cannes a fim de alugar uma casa onde passariam juntos a quadra festiva. Era uma espécie de prenda de Natal. Gabrielle amava a Costa Azul e significava imenso para ela o facto de Boy passar o Natal ao seu lado em vez de comemorá-lo com a mulher e a filha

pequena. Inclusive tinha-lhe prometido que pediria o divórcio. Iria juntar-se a ele assim que encontrasse a *villa* adequada. Contudo, ainda não lhe havia telefonado, nem sequer lhe enviara um telegrama para lhe dizer que chegara são e salvo ao sul de França.

Teria mudado de opinião?

As dúvidas corroíam Gabrielle desde o casamento de Boy, há mais ou menos um ano e meio. A princípio, ficara atónita ao descobrir que ele preferira casar com uma mulher que encarnava tudo o que ela não era: loura, alta, pálida e vaidosa, abastada e membro da realeza britânica, o que permitiria que Boy ascendesse na escala social e tivesse acesso à alta sociedade da Grã-Bretanha. Claro que ele já havia conseguido obter muitas coisas sem essa relação. De origem burguesa, filho de um agente de navegação de Brighton, chegara a ser conselheiro do presidente francês Clemenceau e a tomar parte no Tratado de Versalhes. Para que precisava de uma família nobre?

Além disso, há dez anos que viviam juntos. Gabrielle esperava que se casassem um dia. Não seria ela um bom partido? Bom, as suas origens humildes preferia ocultá-las debaixo de um véu escuro e denso. Contudo, conseguira alcançar uma certa fama à força de muito trabalho. Com o nome de Coco Chanel, tinha-se transformado numa estilista de muito êxito, inclusive endinheirada.

Começara por confeccionar chapéus graças a um empréstimo do seu velho amigo Étienne Balsan, e as suas criações, sóbrias e elegantes, chamaram de imediato a atenção das parisienses. Nada de plumas nem acessórios excessivos, coisa que agradou às mulheres depois de muito tempo a usar adornos exuberantes. Por fim fizeram furor as blusas soltas de inspiração marinheira que desenhara em Deauville. Gabrielle baniu o espartilho e confeccionou calças para mulher. Depois vieram os anos de fome da Grande Guerra e, numa demonstração de pragmatismo, atreveu-se a criar vestidos simples e funcionais de tecido económico em malha de seda e pijamas confortáveis e elegantes com que as mulheres podiam refugiar-se nos abrigos durante os ataques aéreos alemães. As damas da nobreza arrancavam-lhe as peças de roupa das mãos. Quase todas as pessoas de posição social, a alta

aristocracia em peso, iam procurar Gabrielle para que Coco Chanel as vestisse.

Para que precisava Boy de casar-se com uma representante dessa classe? Gabrielle ascendera na escada social por intermédio do seu trabalho e construíra um nome. Como podia ele sacrificar o seu grande amor por uma carreira que já o havia levado aos píncaros? Gabrielle não entendia e nunca entenderia. E a tristeza corroía-lhe os ossos como a tuberculose.

No entanto, depois voltou para ela. Os laços que os uniam eram mais fortes do que as alianças de ouro que Boy trocou com Diana Wyndham, a filha de lorde Ribblesdale. Como é óbvio, Gabrielle no início tentou parecer indiferente, mas não tardou a mergulhar nos seus braços. Era melhor aceitar o seu novo papel de amante do que renunciar a ele por completo. Esse foi o seu lema. O que havia de mal nesse arranjo? Nada. Será que não? Tudo corria bem, mas as dúvidas continuaram a devorá-la por dentro como uma traça.

Na realidade Boy vivia separado da mulher; passava a maior parte do tempo em Paris. Mesmo assim, de vez em quando tinha de ser visto ao lado da esposa. Gabrielle deixava-o ir porque nessa época tinha a certeza de que voltaria. O seu amor era maior do que qualquer outra coisa. Apesar de todas as tormentas, aquele amor mantinha-se há dez anos e jamais desapareceria. Se havia neste mundo algo predestinado à eternidade, tinha de ser a união entre eles os dois. Gabrielle estava convencida disso. No entanto, às vezes vinham à tona os pensamentos mais sombrios que a expulsavam do céu a exemplo de Lúcifer. Como nessa noite.

Virou-se para o outro lado, afastou o lençol sacudindo as pernas, mas começou a tiritar de frio e puxou o cobertor até ao queixo.

Porque é que Boy não entrara em contacto consigo desde que partira? Será que a magia do Natal lhe fazia lembrar a filha de nove meses? Pensar na família preenchia-o assim tanto que afastara a recordação da amante, abandonada na sua casa de campo parisiense? E se não tivesse ido para o sul de França procurar uma casa para si e para Gabrielle, mas sim para Cannes, a fim de se reconciliar com a mulher? Antes de

partir, tinha-lhe falado sobre o divórcio. O pânico apoderou-se dela. Não conseguia dormir.

Apesar de tudo, não se levantou, não acendeu a luz da mesinha de cabeceira nem recorreu a uma leitura interessante para se distrair. Demasiado cansada para fazer o que quer que fosse, entregou-se aos demónios. A dado momento, a fadiga arrastou-a de novo para a profunda escuridão de um sono agitado...

Acordou com algo a ranger. Era o barulho inconfundível da borracha a pisar a gravilha. Os pneus de um carro que travava. No silêncio da noite, o som penetrou com nitidez através da janela fechada do quarto de Gabrielle. Em seguida, os cães começaram a ladrar.

«Boy!», pensou meio a dormir.

Ficou contente ao pensar que ele voltara para buscá-la, que não queria que ela fosse encontrar-se com ele mais tarde. O corpo tremia-lhe de alegria. Só Boy podia ser tão louco. Amava-o tanto... Era indiferente que comemorassem o Natal no sul de França ou naquela *villa* afastada de Saint-Cucufa. La Milanaise, a propriedade que no verão cheirava a lilases e a rosas, era um tanto ou quanto desoladora com o vento proveniente do norte de França. Era por isso que tinham decidido passar uns dias na Costa Azul. Mas só os lugares onde não estivessem juntos podiam ser tétricos. Porque demorara tanto a compreender isso?

Nesse momento bateram à porta.

– *Mademoiselle* Chanel?

Era a voz de Joseph Leclerc, o seu criado, e não o tão esperado sussurro do seu amante.

Acordou de repente e por completo.

ÉTIENNE BALSAN NÃO conhecia apenas Boy Capel quase tão bem como a si mesmo; a sua relação com Coco era-lhe tão familiar como o havia sido com o seu amigo. Num primeiro momento, quando viu Gabrielle entrar na sala de estar onde Joseph lhe havia pedido que aguardasse, pensou que quase não tinha mudado nada ao longo dos treze anos que se haviam passado desde o seu primeiro encontro. Tinha trinta e seis anos,

mas ainda conservava o seu ar ameninado. Franzina e frágil, estreita de ancas e com pouco peito, o cabelo curto, negro e brilhante, despenteado como depois de um abraço apaixonado, quase parecia um rapaz. Se não fosse pelo facto de se lembrar do ardor desse pequeno corpo envolto num pijama branco de seda, tê-la-ia tomado por uma criatura andrógina e pouco erótica.

Um momento depois, assustou-se. Fitou-a olhos nos olhos... e viu a morte.

Coco sabia ocultar os seus sentimentos por detrás de uma fachada de indiferença, mas os seus olhos escuros às vezes proporcionavam uma visão do mais profundo da sua alma. Em momentos como aquele, havia na sua expressão dor, uma tristeza desesperada, perturbadora. Todavia, não se vislumbrava nenhuma lágrima.

E mantinha-se calada. Estava ali, muda à frente dele, com a sua indumentária branca, mantendo a compostura que nem Maria Antonieta diante da guilhotina. Era terrível. Se tivesse desatado a chorar, Étienne teria sabido como lidar com ela. Teria podido estreitá-la nos braços. Contudo, o seu silencioso pesar, os olhos enxutos partiam-lhe o coração.

– Perdoa-me vir incomodar-te a meio da noite – começou. Pigarreou várias vezes e continuou a balbuciar: – Acho... Acho que devo ao Boy ser eu a dar-te a notícia... O lorde Rosslyn telefonou de Cannes... – Inspirou fundo. Custava-lhe horrores transmitir-lhe aquela triste notícia. – O Boy sofreu um acidente terrível. O carro saiu da estrada. Era ele que ia a conduzir, o mecânico ia no lugar do passageiro. O Mansfield ficou ferido com gravidade. Não... não puderam fazer nada pelo Boy.

Pronto, já dissera tudo. No entanto, Gabrielle não reagiu.

Étienne demorou alguns instantes a compreender que o criado já lhe havia dado a trágica notícia. Claro, Joseph fora obrigado a explicar-lhe o motivo por que deixara entrar um desconhecido a meio da noite arrancando-a da cama. Mas porque é que não dizia nada?

Étienne continuou a falar para quebrar o silêncio.

– A polícia está a investigar... Ainda não se sabe o que foi que aconteceu ao certo. A notícia ainda não se espalhou por Paris. Só se sabe

que o acidente ocorreu algures na Costa Azul. Os travões do carro... parece que falharam.

– A *mademoiselle* já entendeu, *monsieur* – interrompeu-o Joseph.

Étienne assentiu, angustiado. Nunca se sentira tão constrangido. Contemplou a mulher que soluçava sem verter uma lágrima sequer. Todo o seu corpo parecia irradiar aturdimento e desespero. Podia ver que o sofrimento se apoderava dela cada vez com mais força. Mas não chorava.

Coco virou costas sem dizer uma palavra e saiu da sala. A porta fechou-se atrás de si.

Étienne ficou ali espedado, sem saber o que fazer.

– Posso oferecer-lhe alguma coisa, *monsieur*? – perguntou Joseph.
– Deseja um café?

– Preferia um conhaque. Duplo, por favor.

Serviu-lhe um balão generoso de conhaque. Étienne segurou o copo entre os dedos para se aquecer e aquecer a bebida. Então, a porta da sala de estar abriu-se.

Coco voltou a entrar. Desta vez, com um vestido de viagem, comprido, que lhe dava pelos tornozelos, o casaco no braço e um saco na mão com a bagagem imprescindível. Agarrava-o com tanta força que ficou com os nós dos dedos brancos. Era o único indício visível da tensão que acumulava. O seu semblante continuava a assemelhar-se a uma máscara rígida, e nos olhos exibia uma expressão vazia.

– Podemos ir – disse com voz firme.

Perplexo, Étienne abanou a cabeça.

Ela sustentou-lhe o olhar, mas não disse nada.

Étienne assentiu, impotente. Como se soubesse para onde é que ela queria ir. No entanto, não fazia a mínima ideia do que Gabrielle pretendia fazer a meio da noite. Deu um bom trago de conhaque e esperou que o álcool lhe provocasse um efeito tranquilizador. Foi em vão. Sentiu que lhe tremia a mão com que agarrava o copo.

– Estavas a falar comigo? – gaguejou Étienne, desconcertado, sem saber ao certo se ela não preferiria viajar com o seu motorista... para onde quer que pretendesse ir sem demora.

– Vamos para a Costa Azul. – De novo aquela determinação na voz dela que não se coadunava com o seu aspeto espectral. – Quero vê-lo. E gostaria de partir de imediato, Étienne.

– O quê? – resfolegou e emborcou outro bom trago de conhaque.
– É perigoso. Há nevoeiro e a estrada é escura...

– Em breve amanhecerá. Não podemos perder tempo. Espera-nos um longo caminho.

Coco deu meia-volta, disposta a sair.

Étienne trocou um olhar de impotência com Joseph. Porque é que não pedia ao motorista que tomasse todas as providências necessárias para sair assim que raiasse o dia? O dever da amizade chegava ao extremo de apoiar Coco na sua loucura? «Não está louca», constatou com tristeza.

Sem mais comentários, foi atrás dela a fim de se aventurar na noite.

2

O ALEGRE AMBIENTE natalício que recebeu Gabrielle em Cannes causou-lhe uma dolorosa sensação de estridência e ruído. A música de cânticos de Natal cantados em inglês e de animados temas de *jazz* que saía dos cafés e restaurantes inundava o passeio marítimo, um ato de servilismo para com os inúmeros turistas das Ilhas Britânicas e dos Estados Unidos da América. Aos sinos típicos de França tinham sido acrescentadas estrelas de papel penduradas nas palmeiras para que os estrangeiros se sentissem em casa.

Estava uma noite amena, mal corria uma brisa, e sobre a baía estendia-se um céu estrelado que cintilava como um manto de tule azul-marinho com lantejoulas transparentes. A Promenade de La Croisette caracterizava-se pela elegância; automóveis caros de onde saíam pessoas ataviadas com trajes de noite dispendiosos à frente de hotéis de luxo igualmente caros. Era véspera de Natal. Por toda a parte ouviam-se as rolhas das garrafas de champanhe a estourar; as mesas, postas com peças seletas de porcelana, cristal e prata, estavam decoradas com azevinho e visco; abriam-se ostras e os bolos de Natal aguardavam nas câmaras frigoríficas que os servissem como sobremesa.

A ideia de um banquete causou náuseas a Gabrielle. Há vinte e quatro horas que havia saído de casa, mas a consternação, o desespero, a dor e o entorpecimento não tinham mudado desde a partida.

Quando Joseph lhe bateu à porta, o medo embargou-a. Boy nunca teria acordado o criado, teria usado as próprias chaves e teria chegado ao quarto sem a ajuda de ninguém. Acontecera alguma coisa e essa mesma coisa destruía a ordem. Na sua mente surgiu a suspeita de que sucedera algo terrível, mas descartou-a. Boy possuía a aura de um herói, de um homem a quem nada de mal podia acontecer. Contudo, em seguida, o seu fiel e bom criado Joseph desferira o golpe. Com cuidado, atento, compassivo. Como é óbvio. O homem não perdeu a compostura em momento algum, embora não houvesse margem para dúvidas de que também ele ficara abalado com a notícia que o senhor Balsan acabava de lhe dar. Tudo mudou de súbito. Gabrielle sentiu quase de forma física que a sua vida se desfazia em mil pedaços.

À compreensão das palavras seguiu-se a esperança de que pudesse tratar-se de um erro. Durante alguns minutos grotescos, agarrou-se a essa ideia com unhas e dentes. Não demorou muito a tomar consciência de que Étienne não conduzira de Royallieu até Saint-Cucufa para lhe pregar uma partida e de que Joseph não entraria no seu quarto a uma hora daquelas por um disparate insignificante. Não, Boy já não existia. E, de repente, o mais importante foi o desejo de vê-lo. Talvez precisasse de compreender que na realidade estava morto. Talvez quisesse convencer-se de que não sofrera. Queria velá-lo no seu ataúde. Apesar de não ser seu marido, era o seu homem e a parte mais importante da sua vida. Não, não era uma parte da sua vida, era toda a sua vida.

Sem Boy, nada fazia sentido.

Não comera nada e só bebeu com relutância o café que Étienne lhe levou depois de parar numa estalagem, mas não quis mais nada. Nem sequer saiu do carro durante todo o trajeto, como se estivesse petrificada no banco de couro. Tão lacónica como em La Milanaise. Sabia que o amigo não merecia aquele silêncio, mas tinha a sensação de que não era capaz de falar mais do que o indispensável, como se Boy tivesse levado consigo a sua voz. Para longe dela. Para toda a eternidade.

Étienne não seguiu pelo caminho sinuoso que subia até à entrada principal do Hotel Carlton, optando por estacionar o carro lá em baixo. O motor emudeceu. O silêncio reinou por um momento no veículo,

o alarido da noite festiva entrava amortecido pelas janelas fechadas. Étienne respirou fundo antes de lhe dirigir a palavra.

– Espero que encontremos a Bertha. Tanto quanto sei, está aqui hospedada. A irmã do Boy saberá melhor do que ninguém o que se passou e onde é que estarão a velar o corpo.

– Sim – limitou-se Gabrielle a assentir.

Levantou a gola larga do casaco e escondeu o rosto pálido debaixo dela.

Étienne afagou-lhe o braço num gesto paternal.

– Precisas de dormir um pouco. De certeza que haverá dois quartos livres e...

Dormir? Que disparate! Por acaso era obrigada a aceitar que a vida continuava? Como ia dormir sem ter visto Boy?

– Não – disse, abanando a cabeça com veemência. – Não, por favor. Vai tu descansar. Fizeste por merecer uma cama de hotel. Eu espero por ti aqui.

Silêncio.

Gabrielle viu que o amigo se debatia. Os seus maxilares moviam-se como se cerrasse os dentes de modo a triturar a fúria que é provável que nutrisse contra ela. Como é evidente, estava cansado depois da longa viagem. Duas noites sem dormir também davam cabo de um estroina como Étienne Balsan. No entanto, não o libertou do suplício.

– Volto já – prometeu-lhe por fim. Hesitou por um instante e depois saiu do carro.

Subiu em passo rápido até à entrada. Era extraordinariamente alto; chegava a ultrapassar Boy em cerca de meia cabeça. No início, o que mais impressionara Gabrielle acerca de Étienne fora a sua altura. Enquadra-se com o garboso oficial de cavalaria, com o jogador de polo e com o criador de cavalos. Um homem bem-apeado. E o melhor amigo que alguma vez poderia ter esperado.

À medida que ia seguindo Étienne com o olhar, vasculhou de maneira inconsciente a mala à procura da cigarreira. Era um reflexo. Estava sempre a fumar; já consumia cigarros quando ainda não se considerava *comme il faut* que as mulheres fumassem. A nicotina relaxava-a. Ter um

cigarro ou uma boquilha de marfim entre os dedos conferia-lhe uma estranha sensação de segurança. A princípio, divertia-a fazer algo pouco convencional que escandalizasse os moralistas. Agora, os cigarros eram os seus companheiros habituais. E já ninguém estranhava ver uma mulher de calças ou a fumar. Coco Chanel trouxera uma lufada de ar fresco à moda.

Também não demorou a encontrar o isqueiro. Experimentou o mecanismo de ignição e a chama azul do gás piscou na escuridão do carro.

De repente viu mentalmente um fósforo. Uma luzinha amarela no crepúsculo cinzento-azulado de um anoitecer estival no campo. A varanda estava quase às escuras, mas Gabrielle pôde ver com nitidez à luz da chama uma mão elegante e esbelta com as unhas cuidadas...

– Uma mulher como você nunca devia acender o cigarro – afirmou uma voz masculina rouca, com um leve sotaque que soava como se quem falava tivesse engolido uma rolha de cortiça.

Gabrielle ignorou o comentário e deu uma passa sem dizer nada. Dirigiu o olhar para os dedos do desconhecido, que nesse momento apagou o fósforo.

– Tem mãos de músico – constatou, formando diminutos anéis de fumo branco a cada palavra proferida.

– Toco um pouco de piano. – Embora não pudesse vê-lo, soube que estava a brincar. – Mas sou muito melhor a jogar polo.

– Então é por isso que está aqui? – perguntou, descrevendo com a mão um círculo que abarcava o palacete de Royallieu, as cavalariças dos puros-sangues de Étienne, além do campo de polo localizado junto ao parque.

O homem negou com a cabeça.

– Creio que o destino me trouxe até aqui só para conhecê-la, *mademoiselle* Chanel.

– Não me diga! – Riu-se dele com uma arrogância desprovida de qualquer tipo de afetação. Também não fazia tenções de namoriscar com aquele desconhecido. – Uma vez que sabe o meu nome, acho que eu devia saber com quem estou a falar.

– Arthur Capel. Os meus amigos chamam-me Boy.